

Derrida, leitor de Freud e de Lacan

René Major¹⁵⁹

Tradução: Victor Maia¹⁶⁰

Resumo:

Do começo de seu trabalho filosófico e ao longo de seus escritos, de “Freud e a cena da escritura” (em *Escritura e diferença*), “Especular – sobre ‘Freud’”, “O carteiro da verdade” (em *O cartão-postal*), a *Résistances: de la psychanalyse*, *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* e *Estados-da-alma da psicanálise*, Derrida nunca se “esqueceu” da psicanálise. Contra a *doxa* filosófica dedicada à restauração da autoridade da consciência e de um antigo princípio da razão, Derrida jamais deixou de pensar o desmantelamento provocado por Freud, e depois por Lacan, pela descentralização da própria consciência. Sua relação com a psicanálise é, nesse sentido, originária e original, marcada tanto pela tensão quanto pela abertura, e implicando, por sua vez, que a psicanálise não pode forcluir os caminhos pavimentados pelas leituras derridianas sem se esquecer de si mesma. O autor analisa as trocas que ocorrem nessa dupla relação, mostrando, por um lado, como a “lógica” do inconsciente e os “conceitos” freudianos são essenciais para o pensamento do *rastró* e da *différance*; por outro lado, como a leitura de Derrida é necessária para os novos avanços na psicanálise, particularmente em relação à importância da *désistance* do sujeito para se pensar hoje uma responsabilidade que leve em conta o inconsciente.

Palavras-chave: Desconstrução; Psicanálise; Derrida; Lacan.

Abstract:

From the beginning of his philosophical work and throughout his writings, from “Freud and the Scene of Writing” (in *Writing and Difference*), “To Speculate – on ‘Freud’”, “The Purveyor of Truth” (in *The Post Card*), to *Resistances: of Psychoanalysis*, *Archive Fever: a Freudian Impression* and *États d’âme de la psychanalyse*, Derrida has never “forgotten” psychoanalysis. Against the philosophical *doxa* dedicated to the restoration of the authority of consciousness and of an old principle of reason, Derrida has never ceased to think the unhinging provoked by Freud, then Lacan, by the decentering of the same consciousness. His relation to psychoanalysis is in this sense originary as well as original, marked both by tension and overture, and entailing in return that psychoanalysis cannot foreclose the paths paved by Derridean readings without forgetting itself. The author analyzes the exchanges taking place in this double relation, showing on the one hand how the unconscious “logic” and the Freudian “concepts” are essential to the thought of *trace* and *différance*; on the other hand, how Derrida’s reading is itself necessary to new advances in psychoanalysis, particularly in relation to the importance of the subject’s *désistance* in order to think today a responsibility that takes into account the Unconscious.

Keywords: Deconstruction; Psychoanalysis; Derrida; Lacan.

Em um texto do começo dos anos 1990¹⁶¹, Jacques Derrida coloca a questão de modo premente: “Querem que nos esqueçamos da psicanálise. Será que esqueceremos da psicanálise?”, inquietando-se com os sintomas produzidos pelo esquecimento já em curso, na

¹⁵⁹ Este artigo, “Derrida, lecteur de Freud et de Lacan”, foi originalmente publicado por René Major na revista *Études Françaises*, vol. 38, n. 1-2, 2002, p. 165-178. Disponível em: doi.org/10.7202/008398ar.

¹⁶⁰ Filósofo e psicanalista (Ebep-Rio), pós-doutor em filosofia contemporânea pela UERJ e pela UFRJ. E-mail: victormaiasaoares@gmail.com.

¹⁶¹ Jacques Derrida, “Let us not forget – Psychoanalysis”. *The Oxford Literary Review*, “Psychoanalysis and Literature”, vol. XII, n. 1-2, 1990. Esse texto foi extraído da introdução de Derrida a uma conferência que pronunciei em 16 de dezembro de 1988, no anfiteatro Descartes da Sorbonne, Paris, com o título “La raison depuis l’inconscient”. Essa conferência fazia parte do fórum “Penser à présent”, organizado pelo Collège International de Philosophie, e foi publicada em *Lacan avec Derrida*. Paris, Menthia, 1991; Paris, Flammarion, 2001.

opinião filosófica e na opinião pública em geral. Sem contar o que se observa na mesma ordem – a ordem do esquecimento – no próprio campo psicanalítico e em suas instituições:

Há uma inquietude diante do que eu chamaria, de forma vaga e flutuante (mas a coisa é essencialmente vaga, ela vive de ser flutuante e sem contorno definido), o ar do tempo filosófico, aquele que respiramos ou que pode dar lugar aos boletins da meteorologia filosófica. Ora, o que nos dizem os boletins desta *doxa* filosófica? Que, para muitos filósofos e uma certa “opinião pública”, outra instância vaga e flutuante, a psicanálise não está mais na moda, depois de ter estado desmesuradamente na moda, depois de ter repellido a filosofia para longe do centro nos anos 1960-1970, obrigando o discurso filosófico a lidar com uma lógica do inconsciente, com o risco de se deixar desalojar de suas certezas mais fundamentais, com o risco de sofrer a expropriação de seu solo, de seus axiomas, de suas normas e de sua linguagem. Enfim, o que os filósofos consideravam a razão filosófica, a própria decisão filosófica, com o risco, portanto, de sofrer a expropriação do que, associando frequentemente essa razão à consciência do sujeito ou do eu, à representação, à liberdade, à autonomia, parecia garantir o exercício de uma autêntica responsabilidade filosófica.

O descentramento da consciência operado por Freud – que a consciência não seja mais senhora dentro da sua própria casa, que esteja em grande parte submetida às forças obscuras que ela ignora – e a necessidade de que a história da razão fosse, ela mesma, reinterpretada não assumiram, sem dúvida, sua importância – na França e depois nos países latinos e anglo-saxões – senão com o ensino de Lacan, que soube levar a questão ao mundo literário e filosófico. Esse mundo foi seriamente abalado no momento em que se começava a falar do fim da filosofia. Alguns, entre os quais Derrida – e para ele da forma mais evidente e eminente –, já não pensavam mais sem a psicanálise, enquanto lhe questionavam incessantemente a razão. Outros se empenharam em esquecer esse desafio perturbador, buscando restaurar um pensamento que desconsiderasse os avanços freudianos. Sigo com a citação:

O que se passou no ar do tempo filosófico da época, se me arrisco a caracterizá-lo de forma massiva e macroscópica, é que depois de um momento de angústia intimidada, alguns filósofos se recompuseram. E hoje, em sintonia com o tempo, começamos a agir como se nada tivesse acontecido, como se nada tivesse ocorrido, como se a consideração do acontecimento da psicanálise, de uma lógica do inconsciente, dos próprios “conceitos inconscientes”, não fosse mais de rigor, não tivesse mais seu lugar em alguma coisa como uma história da razão. Como se pudéssemos continuar tranquilamente com o bom e velho discurso das Luzes, retornar a Kant, remeter à responsabilidade ética ou jurídica ou política do sujeito, restaurando a autoridade da consciência, do eu, do cogito reflexivo, de um “eu penso” fácil e sem paradoxo. Como se, nesse momento de restauração filosófica que é a tendência do momento, porque o que está na ordem do dia, o que está na ordem moral da ordem do dia é uma espécie de restauração vergonhosa e malfeita, como se se tratasse, portanto, de achatar as exigências ditas da razão num discurso puramente comunicacional, informacional e sem dobras. Como se estivesse se tornando novamente legítimo, enfim, acusar de obscuridade ou de irracionalismo quem quer que complique um pouco as coisas ao se interrogar sobre a razão da razão, sobre a história do princípio de razão ou sobre o acontecimento, talvez traumático, que constitui alguma coisa como a psicanálise na relação a si da razão.

A psicanálise é isso que Derrida jamais esquece. Ele tem um vínculo originário com ela, como com sua língua materna. O que não quer dizer um laço unívoco. Tanto uma quanto a outra lhe resistem, assim como ele resiste às duas. Como para a língua materna, a relação com o inconsciente, que faz a psicanálise operar, permanece sempre ao mesmo tempo estranha e familiar para mim. Não há relação com o inconsciente que não seja uma relação tensa, uma relação de resistência. Mas a resistência não é nem o esquecimento, nem a negação. O inconsciente não se aproxima senão na resistência, de maneira que a resistência é para a psicanálise o que o ar é para a pomba de Kant. Não há voo possível sem a resistência do ar.

Como o sublinha Geoffrey Bennington, as relações que o pensamento de Derrida mantém com a psicanálise são originais em mais de um sentido. Elas são originais no sentido de que são próprias a ele. Nenhum outro tem as mesmas relações que ele com a psicanálise. São originais também no sentido em que as relações que sua obra mantém com o pensamento de Freud, ou com o de Lacan, têm uma singularidade própria por comparação às relações que essa mesma obra mantém com outros pensadores. São originais, enfim, no sentido em que as relações de Derrida com Freud são de origem, estão na origem, desde o início; não teria havido, não há Derrida sem Freud¹⁶².

Em contrapartida, os caminhos abertos pelas leituras derridianas da obra de Freud e da obra de Lacan se tornaram caminhos que a psicanálise não pode esquecer ou forcluir. Sob o risco de esquecer-se de si mesma.

Desde o início de seu trabalho de desconstrução do logocentrismo e de sua análise do recalçamento da escritura a partir de Platão como modo de constituição do saber ocidental, Derrida encontra em Freud um poderoso aliado. Ainda que os conceitos que ele usa pertençam à história da metafísica e sejam forjados com a mesma matéria linguística que ele herda, Freud desvia ou subverte seu sentido. É o caso, por exemplo, de muitas oposições tradicionais. O inconsciente não está mais simplesmente fora da consciência. Ele parasita a consciência. O prazer não é mais simplesmente o oposto do desprazer. Ele pode ser experimentado como um sofrimento, e o sofrimento pode ser experimentado como uma satisfação. O sujeito busca a si mesmo e se encontra no objeto, que não é em si mesmo seu contrário. Não há presente puro em relação ao passado. O passado está presente no presente, e o presente sempre já passou. A origem já está atrasada, e o atraso é, portanto, originário.

¹⁶² Retomo aqui, o mais próximo possível, a proposta de Geoffrey Bennington em sua comunicação no Colóquio de Cerisy, em julho de 1996, intitulada “Circanalyse (la chose même)”, in René Major e Patrick Guyomard (Orgs.). *Depuis Lacan. Colloque de Cerisy*. Paris: Aubier, col. “La psychanalyse prise au mot”, 2000.

O conceito freudiano de *Nachträglichkeit*, o *après coup*, que questiona o conceito metafísico de “presença a si”, é essencial para o pensamento derridiano do rastro, do diferido, da *différance*. Essa dívida é, aliás, explicitamente reconhecida em “Freud e a cena da escritura”:

Que o presente em geral não seja originário, mas reconstituído, que ele não seja a forma absoluta, plenamente vivente e constituinte da experiência, que não haja pureza do presente vivo, tal é o tema formidável para a história da metafísica, que Freud apela a pensar através de uma conceitualidade desigual à própria coisa. *Esse pensamento é, sem dúvida, o único que não se esgota na metafísica ou na ciência*¹⁶³.

A “*différance*” derridiana não é o atraso [*délai*] que uma consciência se concede ou o adiamento [*l’ajournement*] de um ato. Ela é originária no sentido em que apaga o mito de uma origem presente. Desde Freud, a memória é representada pelas diferenças de trilhamentos, e não há trilhamento puro sem diferença. A *Verspätung* freudiana, o *retardamento* [*à-retardement*], é irreduzível não somente na inscrição dos rastros subjetivos, mas também na história da cultura e dos povos, como é mostrado em *Moisés e o monoteísmo*. A escritura psíquica é uma produção tão originária que a escritura no sentido próprio não é senão uma metáfora: “o texto inconsciente já é tecido de rastros puros, de diferenças onde se unem a força e o sentido, um texto que não está presente em lugar nenhum, constituído por arquivos que *já* são *sempre* transcrições”¹⁶⁴. Derrida conceberá sempre a possibilidade da escritura, dessa que se pensa a mais consciente e a mais ativa no mundo, “a partir do trabalho de escritura que circula como uma energia psíquica entre o inconsciente e o consciente”¹⁶⁵.

A partir da cena freudiana do sonho, Derrida se apega a duas coisas das quais não irá mais abrir mão: 1) a convivência entre a dita escrita fonética e o logos dominado pelo princípio de não-contradição, que uma certa linguística e uma certa psicanálise reconduzem; 2) a fronteira instável entre o espaço não fonético da escrita (mesmo na escrita “fonética”) e o espaço da cena do sonho. A partir daí, são possíveis encadeamentos que não obedecem à linearidade do tempo lógico. Derrida se apoiará no apelo de Freud ao pictograma, ao rébus, ao hieróglifo, à escritura não fonética em geral para explicar as relações lógico-temporais estranhas do sonho, quando ele precisa se explicar com o fonologocentrismo de Lacan, em seu comentário sobre *A carta roubada*, de Edgar Allan Poe. A escritura geral do sonho recoloca a fala em seu lugar. É “com uma grafemática por vir [*à venir*], antes do que com uma linguística dominada por um velho

¹⁶³ Jacques Derrida. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz M. da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2009, p. 311. Eu sublinho.

¹⁶⁴ Jacques Derrida. *A escritura e a diferença*, p. 311.

¹⁶⁵ Jacques Derrida. *A escritura e a diferença*, p. 312.

fonologismo, que a psicanálise se vê chamada a colaborar”¹⁶⁶, e isso seguindo o que Freud recomenda, literalmente, em um texto de 1913 sobre “O interesse da psicanálise”:

Por “linguagem” deve-se entender aqui não apenas a expressão de pensamentos em palavras, mas também a linguagem dos gestos e toda outra forma de manifestação da atividade psíquica, como a escrita. [...] acharemos ainda mais adequado comparar o sonho a um sistema de escrita do que a uma linguagem. De fato, a interpretação de um sonho é inteiramente análoga à decifração de uma velha escrita pictográfica como os hieróglifos egípcios. [...] A polissemia de vários elementos do sonho tem sua contrapartida nesses velhos sistemas de escrita¹⁶⁷.

Derrida manterá as três analogias com a escrita que Freud consagra ao funcionamento do aparelho psíquico em sua “Nota sobre o bloco mágico”: 1) a colocação em reserva e a conservação indefinida de rastros ao mesmo tempo que uma superfície de acolhimento está sempre disponível; 2) a possibilidade do apagamento dos rastros sobre uma primeira camada, a da percepção-consciência, assimilada à folha de celuloide do bloco mágico, não impede absolutamente a persistência dos rastros sobre a cera comparada ao inconsciente; 3) o tempo da escritura: a temporalidade como espaçamento “não é somente a descontinuidade horizontal na cadeia dos signos, mas a escritura como *interrupção e recuperação* do contato entre as diversas profundidades das camadas psíquicas, o tecido temporal tão heterogêneo do próprio trabalho psíquico”¹⁶⁸ (como no bloco mágico, o escrito se apaga a cada vez que se interrompe o estrito contato entre o papel recebendo a excitação e a tábua de cera retendo a impressão).

A leitura derridiana de Freud, atenuando a leitura logocêntrica feita por Lacan, até mesmo a orientando de modo absolutamente diferente, deve ter impressionado fortemente este último. Hoje me dou conta disso, ao ler um texto de Lacan escrito alguns anos depois de “Freud e a cena da escritura”. É um texto no qual a escrita está longe de entregar seus segredos à primeira leitura. Ele tem atraído ainda mais atenção agora – trata-se de “Lituraterra” –, pois acaba de ser incluído no início de uma nova coleção de textos de Lacan, porque deve ter parecido ao autor do prólogo destes *Outros Escritos* que estava “predestinado a ocupar o espaço reservado nos *Escritos* ao ‘Seminário sobre *A carta roubada*’”¹⁶⁹. Nesse texto, Lacan claramente quer refutar a objeção derridiana, mas tenta fazê-lo atribuindo-lhe o efeito de afetar a letra com uma primazia em relação ao significante. À questão de saber como o inconsciente comanda a função da carta/letra, Lacan responde tendo, no entanto, tomado nota da objeção: “Ser ela o instrumento

¹⁶⁶ Jacques Derrida. *A escritura e a diferença*, p. 322-323.

¹⁶⁷ Sigmund Freud. “O interesse da psicanálise”. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 343-345.

¹⁶⁸ Jacques Derrida. *A escritura e a diferença*, p. 330. Eu sublinho.

¹⁶⁹ Jacques-Alain Miller. “Prólogo”, in Jacques Lacan. *Outros Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 13.

apropriado para a escrita do discurso não a torna imprópria para designar a palavra tomada por outra [...]”¹⁷⁰, portanto, para que a carta/letra possa designar a metáfora. O que ninguém contestará. Mas, apesar disso, Lacan não teria considerado a impressão dos rastros mnésicos de memória como uma metáfora para a escrita, “a despeito do bloco mágico”¹⁷¹, diz ele. O nome de Derrida não é mencionado explicitamente em nenhum lugar, mas pode ser inferido quando se afirma que “tal discurso [dando, segundo ele, primazia à carta/letra] não poderia surgir senão daquele que me importa”¹⁷². Deixarei isso para uma próxima discussão, onde lembraremos que o que a metáfora pode abranger é o fato de o significante vir a abolir o nome próprio.

Derrida terá notado que, ao nos apresentar a cena da escritura, Freud permitiu que a cena se duplicasse, se repetisse e se denunciasses dentro dela mesma. A partir dessa leitura de Freud toda a escrita de Derrida e seu pensamento sobre a escritura carregam o rastro, até mesmo o conceito de *arquirastro* do apagamento da origem. Tudo terá começado pela duplicação e pela iterabilidade. A significação será sempre ambígua, múltipla e disseminada. Isso constituirá, *avant la lettre*, os primeiros elementos de uma crítica ao estruturalismo na psicanálise e à primazia, até mesmo ao imperialismo, do significante e da ordem simbólica, tal como desenvolvidos na concepção lacaniana.

Desde o estudo da metaforicidade da escritura para dar conta do funcionamento do aparelho psíquico e do modelo técnico, o bloco mágico, destinado a representar exteriormente a memória como arquivamento interno, Derrida antecipava sobre as novas técnicas de impressão, de reprodução, de formalização e de arquivamento, supondo que a própria máquina começaria a se parecer cada vez mais com a memória. Portanto, o aparelho psíquico estaria “*melhor representado*”, ou então “*afetado de outro modo*” por tantas próteses da dita memória viva? Vinte e oito anos depois, ele retorna a essa questão para sublinhar que “a estrutura técnica do arquivo *arquivante* também determina a estrutura do conteúdo *arquivável* em seu próprio surgimento e em sua relação por vir”¹⁷³. Ora, a psicanálise – sua teoria, sua prática, sua instituição – é inteiramente uma ciência do arquivo e do nome próprio, de uma lógica de hipomnésia que dá conta das lacunas da memória, do que arquiva a lembrança, transformando-a, ou a desarquiva, a apaga, a destrói; uma ciência também de sua própria história, daquela do seu fundador, da relação dos documentos privados (ou secretos) à elaboração de sua teoria e a tudo o que, de forma subterrânea, pode iluminar sua manifestação no mundo.

¹⁷⁰ Jacques Lacan. “Lituraterra”, in *Outros Escritos*, p. 18.

¹⁷¹ Jacques Lacan. “Lituraterra”, in *Outros Escritos*, p. 19.

¹⁷² Jacques Lacan. “Lituraterra”, in *Outros Escritos*, p. 19.

¹⁷³ Jacques Derrida. *Mal d'Archive: une impression freudienne*. Paris: Galilée, 1995. [Tradução brasileira: *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad. de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.]

Encontramos o princípio do retardamento desde a origem daquilo que concordamos em chamar de “originário”; e as noções de vestígio [*d’empreinte*], de pré-impressão e de pré-inscrição, no pensamento da *désistance*¹⁷⁴, da qual faço, desde Derrida, um conceito central para a psicanálise. De fato, “alguma coisa começou antes de mim, de que faço experiência. Se insisto em permanecer sujeito a isso, é como um sujeito prescrito, pré-inscrito, marcado de antemão pelo vestígio do inevitável que o constitui sem lhe pertencer”¹⁷⁵. Trata-se, portanto, de uma *désistance constitutiva do sujeito* que entrega a demanda de sentido ou de verdade à questão da sua finalidade própria. A *désistance* duplica ou desinstala tudo o que assegura a razão, sem se afundar na desrazão “contra a qual a onto-ideologia platônica se estabiliza, inclusive sua interpretação por Heidegger”¹⁷⁶. A lógica própria da *désistance* conduz à desestabilização do sujeito, à sua desidentificação de qualquer posição de estância, de qualquer determinação do sujeito pelo eu. O que não quer dizer que o sujeito desiste de si, mas que ele desiste sem desistir de si. Esse pensamento da *désistance* é um dos pensamentos mais exigentes da *responsabilidade*, dirá Derrida.

Pensar a responsabilidade a partir dessa *désistance* do sujeito de toda determinação vinda das identificações que compõem a máscara é também pensar a responsabilidade desde o inconsciente que ignora a diferença entre o virtual e o atual, entre a intenção e a ação. É expandir a responsabilidade, quer dizer, isso pelo que o sujeito tem que responder, para além dos únicos dados da consciência, aos quais se referem habitualmente o direito e a moral. É abrir o campo da responsabilidade do sujeito ao que lhe foi legado pelas gerações precedentes e transmitido por uma memória transgeracional. É também tornar inevitável o ato de *nomear* como ato ético¹⁷⁷.

Ao mesmo tempo que mantém um possível recurso ao arquivo, àquilo que está inscrito em nós ou fora de nós de maneira idiomática, oferecido e subtraído à tradução, a psicanálise tenta sempre retornar à origem viva dos rastros que o arquivo perde ao guardá-los numa multiplicidade de lugares. Não haveria impulso para a conservação sem um impulso contrário

¹⁷⁴ Ver Jacques Derrida. *Psyché. Inventions de l'autre*. Paris: Galilée, 1987. Trata-se de um texto escrito como prefácio a *Typography*, de Philippe Lacoue-Labarthe, que usa o verbo *désistir* e o substantivo *désistement*, mas não o termo *désistance*, que ainda não era usual em francês. Aliás, é preciso alertar – como o faz Derrida – contra a tradução descuidada para o inglês, usando a palavra “*desistance*”, que traduz “*désistement*”.

¹⁷⁵ Jacques Derrida. “*Désistance*”, in *Psyché. Inventions de l'autre*, p. 598.

¹⁷⁶ Jacques Derrida. “*Désistance*”, in *Psyché. Inventions de l'autre*, p. 620.

¹⁷⁷ Em “*Géopsychanalyse*” (*Psyché*, p. 327-352), Derrida desenvolve como a instituição analítica foi capaz de arquivar o inominável e qual poderia ser a contribuição da psicanálise para um outro pensamento do ético, do jurídico e do político. Ele retornou a isso recentemente, em *États d’âme de la psychanalyse. Adresse aux États Généraux de la Psychanalyse*. Paris: Galilée, col. “*Incises*”, 2000. [Tradução brasileira: *Estados-da-alma da psicanálise: o impossível para além da soberana crueldade*. Trad. de Antonio Romane e Isabel K. Marin. São Paulo: Escuta, 2001.]

para a destruição, que, por sua vez, pertence ao processo de arquivamento. E se a autoridade do princípio que reconduz essa lei do arquivo, sua instituição, seu domicílio, é desconstruída por Freud, uma lógica patriarcal, igualmente freudiana, reconduz sua estratégia institucionalizante. Para Derrida, “a possibilidade do rastro arquivante, esta simples *possibilidade*, não pode senão dividir a unicidade. Separando a impressão do vestígio”¹⁷⁸. Uma das lições que ele toma de Freud, e ela não é menor, é que “a contradição escande e condiciona a própria formação do conceito de arquivo e do *conceito em geral* – lá onde eles portam a contradição”¹⁷⁹. A língua psicanalítica não compreende mais, com efeito, o inconsciente a partir da experiência, do sentido e da presença, como a fazia Husserl, mas pensa o inconsciente subtraindo-o àquilo mesmo que ele torna possível, e dá acesso ao que condiciona a fenomenalidade do sentido desde uma instância a-semântica¹⁸⁰. A tradução opera então no interior de uma mesma língua, des-significando e re-significando os conceitos. E, para a psicanálise: seus conceitos “próprios”, até mesmo os nomes próprios que balizam sua história.

Em sua leitura de *Além do princípio do prazer*, Derrida terá marcado como “Freud não avançou senão suspendendo indefinidamente todas as teses nas quais seus sucessores ou herdeiros, seus leitores em geral, teriam tido interesse em detê-lo”. Essa leitura é também “uma interpretação do que liga a especulação sobre o nome, o nome próprio ou os nomes de família, à ciência, singularmente à teoria e à instituição psicanalíticas”¹⁸¹. Portanto, o que liga o especulativo ao especular, ao espelho, no texto que reflete a cena que ele descreve. Essa leitura terá deixado uma forte impressão em Derrida:

Quero falar da *impressão deixada* por Freud, pelo acontecimento que leva este nome de família, a *impressão* quase inesquecível e irrecusável, inegável (mesmo e sobretudo por aqueles que a denegam) que Sigmund Freud terá *produzido* sobre todo aquele que, depois dele, fala *dele* ou *lhe* fala, e que deve, aceitando-o ou não, sabendo-o ou não, deixar-se assim marcar: em sua cultura, em sua disciplina, seja ela qual for, em particular a filosofia, a medicina, a psiquiatria e mais precisamente aqui, uma vez que devemos falar de memória e de arquivo, a história dos textos e dos discursos, a história política, a história do direito, a história das ideias ou da cultura, a história da religião e a própria religião, a história das instituições e das ciências, em particular a história deste projeto institucional e científico que se chama psicanálise. Sem falar da história da história, a história da historiografia. Seja em que disciplina for, não podemos, não deveríamos poder, pois não temos mais o direito nem os meios, pretender falar disso sem termos sido de antemão marcados, de uma maneira ou de outra, por essa

¹⁷⁸ Jacques Derrida. *Mal d'Archive*, p. 153. [Na tradução brasileira: *Mal de arquivo*, p. 128.] Encontraremos aí uma resposta a “Lituraterra”?

¹⁷⁹ Jacques Derrida. *Mal d'Archive*, p. 140. [Na tradução brasileira: *Mal de arquivo*, p. 117] Eu sublinho.

¹⁸⁰ Jacques Derrida. “Moi – la psychanalyse”, in *Psyché*, p. 149-151.

¹⁸¹ Jacques Derrida. “Especular – sobre Freud”, em *O cartão-postal, de Sócrates a Freud e além*. Trad. de Ana Valéria Lessa e Simone Perelson. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 283-456. Ver também Jacques Derrida. “Pour l’amour de Lacan”, in *Résistances: de la psychanalyse*. Paris: Galilée, 1996; e “Résistances”, no mesmo volume, para a contradição inerente ao próprio conceito de resistência.

impressão freudiana. É impossível e ilegítimo fazê-lo sem ter integrado, bem ou mal, de maneira consequente ou não, reconhecendo-a ou denegando-a, isso que se chama aqui a *impressão freudiana*. Se temos a impressão de poder não a ter em conta, esquecendo-a, apagando-a, rasurando-a ou objetando-lhe, já confirmamos, e poderíamos até dizer endossamos (portanto arquivamos), algum “recalque” ou alguma “repressão”¹⁸².

A *desconstrução* derridiana não recalca de maneira alguma a herança freudiana. Ela a prolonga em uma necessidade hiperanalítica, colocando em questão o desejo ou o fantasma de reunir o originário, o irreduzível, o indivisível. Retomando os dois motivos de toda análise, o motivo *arqueológico* do retorno ao antigo, que ordena a repetição e sua alteração, e o motivo *filolítico* do desligamento dissociativo, da decomposição das unidades, da desconstituição dos sedimentos, a desconstrução sustenta a exigência analítica do desligamento sempre possível, como a própria condição de possibilidade da ligação em geral: “O que se chama a ‘desconstrução’ obedece inegavelmente a uma exigência *analítica*, ao mesmo tempo crítica e analítica [...]. A questão da divisibilidade é um dos mais potentes instrumentos de formalização para o que se chama ‘a desconstrução’. Se, por hipótese absurda, houvesse uma e apenas uma desconstrução, uma única *tese* ‘da desconstrução’, ela colocaria a divisibilidade: a *différance* como divisibilidade”¹⁸³.

Tocamos aqui no coração do diferendo teórico entre Derrida e Lacan, do qual quis indicar, em *Lacan com Derrida*¹⁸⁴, algumas consequências para a prática, a teoria e a instituição analíticas. Esse é um campo mal explorado, ao qual os psicanalistas ainda opõem uma forte resistência. Ao chegar a este ponto, parece útil lembrar que o suplemento de análise requerido pela “desconstrução” não dispensa uma homenagem a Lacan. Não cito senão um extrato disso:

Quer se trate de filosofia, de psicanálise ou de teoria em geral, o que a rasa restauração em curso tenta encobrir é que nada do que pôde transformar o espaço do pensamento no decurso das últimas décadas teria sido possível sem alguma explicação *com* Lacan, sem a provocação lacaniana, não importa como se a receba ou se a discuta¹⁸⁵.

Desde os anos sessenta, Derrida se dedicou então a questionar inúmeros motivos que ainda ordenam tanto o discurso psicanalítico quanto o discurso filosófico. Esses motivos em curso de desconstrução são, para não nomear senão alguns deles, o fonocentrismo, o logocentrismo, o falocentrismo, a “fala plena” como verdade, o transcendentalismo do

¹⁸² Jacques Derrida. *Mal d'Archive*, p. 53-54. [Na tradução brasileira: *Mal de arquivo*, p. 45-46.]

¹⁸³ Jacques Derrida. *Résistances: de la psychanalyse*, p. 41 e 48.

¹⁸⁴ A primeira edição desse livro foi publicada nas Éditions Menthath, em 1991. Depois foi reeditado na coleção “Champs Flammarion”, 2001. [Tradução brasileira: *Lacan com Derrida*. Trad. de Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.]

¹⁸⁵ Jacques Derrida. “Pour l’amour de Lacan”, in *Résistances: de la psychanalyse*, p. 64.

significante, o retorno circular da carta/letra ao lugar próprio onde ela falta, a exclusão neutralizante do narrador da cena do relato etc. Mas esses motivos são também aqueles que, na mesma época, constroem com segurança o movimento teórico, clínico e institucional de um “retorno a Freud” por Jacques Lacan, tão poderosamente articulado quanto dogmaticamente afirmado. De fato, todos esses motivos são encontrados nos *Escritos* de Lacan, publicados em 1966¹⁸⁶, e, de forma exemplar, no texto que abre essa coletânea e que recebeu o privilégio de ordenar os demais, independentemente da cronologia de uma publicação anterior dos artigos que a compõem. O Seminário sobre *A carta roubada* apresenta uma leitura do conto de Edgar Allan Poe, *The Purloined Letter*, a partir da noção freudiana de “compulsão à repetição”, que, em função de uma certa ancoragem na linguística de Saussure, se torna para Lacan “a insistência da cadeia significante”. Daí o aforismo de Lacan que conclui seu comentário: “assim, o que quer dizer ‘a carta roubada’, ou ‘não retirada’, é que uma carta sempre chega a seu destino”. Essa conclusão não foi possível senão na medida em que a carta/letra, que para Lacan é o lugar da materialidade do significante, não se divide. Ora, essa “indivisibilidade” da carta/letra corresponde, para Derrida, a uma identidade ideal da carta/letra, à sua “idealização”, à qual sempre se pode objetar que uma carta/letra é divisível, podendo ou não chegar a seu destino. Disso decorrem diversas consequências relativas à lógica do acontecimento, ao pensamento da singularidade, à disseminação do único para além de uma lógica da castração etc.

Uma problemática do duplo está ligada à divisão da carta/letra. É isso o que impede a concepção de um caminho circular desde o seu envio até seu destino. Embora o caminho seja possível, nunca é garantido. O duplo, de fato, e nomeadamente na transferência analítica, duplica o circuito da carta/letra desde o início. O envio é duplicado e retornado – *no princípio* –, e as cartas/letras divididas, cruzando caminhos em suas trajetórias, interceptando constantemente as mensagens umas das outras. É isso também o que reenvia toda demanda de sentido à finalidade própria dessa demanda.

Uma lei do duplo marca uma interrupção constante tanto do simbólico quanto do especular, e a divisibilidade da carta/letra deixa indecível se ela pode chegar ou não a seu destino. Pode-se imaginar que o pensamento de Lacan (talvez sob influência de Derrida?) tenha variado posteriormente. O Seminário *Encore* não afirma “que teria sido melhor apresentar o significante da categoria do contingente”¹⁸⁷ e que a escrita da formalização analítica “constitui

¹⁸⁶ Jacques Lacan. *Escritos*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Em particular, os seguintes capítulos: “O seminário sobre *A carta roubada*” e “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”.

¹⁸⁷ Jacques Lacan. *Le séminaire. Livre XX: Encore*. Paris: Seuil, 1975, p. 41. [Tradução brasileira: *O seminário XX: mais, ainda*. Trad. de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1985, p. 56.]

um suporte que vai além da fala”¹⁸⁸? A discursividade lacaniana terá, no fim das contas, passado de uma tentativa de estabelecer uma ciência da letra para uma tentativa de formalização lógico-matemática, em virtude da qual o significante relevaria doravante da contingência. A partir de então, o “significante dos significantes”, o falo, que era mantido a salvo na indivisibilidade da carta/letra, não será mais do que a marca no gozo daquilo que resiste à significação. Ora, essa marca tomada da linguagem comum para servir de designação em vez de significar é precisamente o nome próprio.

Em “A parábola da carta”, que ocupa um lugar central em *Lacan com Derrida*, dedico um tempo – o que não posso fazer aqui – para demonstrar como a exclusão neutralizante do narrador na leitura do conto de Poe, que se encontra na exclusão do lugar do intérprete-narrador em “A direção do tratamento” (um texto de Lacan da mesma época e formalizado segundo o mesmo modelo), leva a uma *identificação* do analista com um dos protagonistas da cena de uma maneira que é subjetivamente sobredeterminada. Compreendemos então como essa identificação atua como resistência à *désistance* do lugar ocupado por cada um dos personagens do cenário, *désistance* que por si só pode situar a interpretação fora da cena em que ela não pode ser senão esperada e acordada pelo analisando e pelo analista. Ao fazê-lo, vemos como essa parábola da carta vela e desvela outra cena, uma cena histórica que é uma cena de herança: a quem – à princesa Bonaparte, detentora da carta freudiana na França, que já havia feito uma análise dos contos de Poe, a Nacht ou a Lacan, irmãos rivais como o Ministro, que se apoderou da carta, e Dupin, que deve subtraí-la dele para satisfazer uma vingança –, a quem, então, desses três protagonistas, deve caber o legado freudiano? Esse é um dos motivos poderosos que, diante das distorções do espírito da carta, regem o “retorno a Freud” preconizado por Lacan.

Em “Especular – sobre Freud”, Derrida pressentiu a decifração por vir do movimento psicanalítico na França¹⁸⁹, movimento que agora ultrapassa largamente o Hexágono e a velha Europa. Ele já tinha indicado, a partir do jogo do carretel do pequeno Ernst, um carretel cujo fio todos tentam puxar, como a instituição clássica de uma ciência deveria ter sido capaz de prescindir do nome de Freud (e de alguns outros), como o próprio Freud parecia acreditar, ou fingia acreditar, em uma carta a Jones¹⁹⁰. Caso contrário, o necessário retorno à origem e à condição de tal ciência, cujos nomes próprios são inseparáveis, ainda permanecerá por fazer. Deixo para vocês imaginarem o caminho da transmissão da herança quando esta segue a rota

¹⁸⁸ Jacques Lacan. *Le séminaire. Livre XX: Encore*, p. 86. [*O seminário XX: mais, ainda*, p. 126]

¹⁸⁹ Jacques Derrida. *La carte postale*, p. 335. [Na tradução brasileira: *O cartão-postal*, p. 349-350]

¹⁹⁰ “Estou certo de que em algumas décadas meu nome será esquecido, mas nossas descobertas perdurarão”. Carta a Ernest Jones, de 12 de fevereiro de 1920, in *The Complete Correspondance of Sigmund Freud and Ernest Jones 1908-1939*. Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 1993, p. 370.

da filha e do genro, seja perdendo o movimento, mantendo o nome, seja mantendo o movimento, mas perdendo o nome.

Diante do que se tornou hoje o direito humano à psicanálise, isto é, o acesso de cada um à singularidade irreduzível que o constitui como sujeito e à responsabilidade absoluta que o inconsciente lhe confere, uma crise atravessa tanto aquilo que essa própria revolução põe em crise quanto uma espécie de “resistência autoimunitária da psicanálise a seu fora como a ela mesma”¹⁹¹.

Face a essa constatação, Derrida optou, a título de endereçamento aos Estados Gerais da Psicanálise, sob o título *Estados-da-alma da psicanálise*, por engajar o homem sem alibi de uma psicanálise por vir nas vias do enigma constante posto por uma crueldade sem fim, uma crueldade soberana, que é suplementada por uma crueldade psíquica, uma crueldade da *psique*, um estado da alma, capaz de inventar incessantemente novos recursos:

Se há alguma coisa de irreduzível na vida do ser vivente, na alma, na psique [...], e se essa coisa irreduzível na vida do ser animado é bem a possibilidade da crueldade (a pulsão, se preferirem, do mal pelo mal, de um sofrimento que jogaria o jogo do gozo de sofrer de um fazer sofrer ou de um *fazer-se sofrer pelo prazer*), então nenhum outro discurso – teológico, metafísico, genético, fisicista, cognitivista etc. – saberia abrir-se para tal hipótese. Eles seriam, todos, feitos para reduzi-la, excluí-la, privá-la de sentido. Se há um discurso que poderia hoje em dia reivindicar a crueldade psíquica como assunto próprio, este é o que se chama, de mais ou menos um século para cá, psicanálise.¹⁹²

A psicanálise correria o risco de esquecer, paralelamente à crise mundial do pensamento – que é também a crise da mundialização –, que ela trabalha todos os dias para explorar os fundamentos dessa crueldade a que o social, o jurídico e o político dão uma legitimidade sempre renovada? Poderia ela esquecer os avanços freudianos em *Além do princípio do prazer* e na troca de cartas com Albert Einstein (publicada em 1933, com o título *Por que a guerra?*), onde uma pulsão de poder (*Bemächtigungstrieb*) é apresentada para tentar explicar tantas das crueldades às quais a guerra dá rédea solta, dada a capacidade dessa pulsão de submeter a seu serviço até mesmo as pulsões sexuais, e de dar conta das limitações impostas a toda jurisdição internacional pelas ciosas prerrogativas dos Estados que querem ser “soberanos”?

Ao acompanhar de perto o que leva Freud, em sua correspondência com Einstein, não a apoiar a ilusão de uma erradicação das pulsões de crueldade, poder ou soberania, mas a examinar as vias *indiretas* que podem, nas diferenças de modalidade, qualidade e intensidade, submeter essas pulsões a uma “ditadura da razão”, Derrida retoma o conceito de *indireção* para pensar a

¹⁹¹ Jacques Derrida. *Estados-da-alma da psicanálise*, p. 70.

¹⁹² Jacques Derrida. *Estados-da-alma da psicanálise*, p. 8-9.

heterogeneidade da razão psicanalítica aos domínios jurídico, ético e político, a responsabilidade que compromete estes últimos com sua transformação e a consideração dessa mutação pelo saber psicanalítico. Porque é justamente em nome de uma racionalidade ético-política que o próprio Freud vislumbra uma restrição ligada às forças pulsionais que, sem essa restrição, ameaçam sua própria economia.

A essa economia do possível, na qual se encontra reintegrada a própria aneconomia do para além dos princípios de prazer e de realidade, será preciso não se opor, mas acrescentar uma incondicionalidade que escapa ao domínio do acontecimento que ela produz e da própria alteridade desse acontecimento. É concebível um incondicional sem soberania e, portanto, sem crueldade? É, no entanto, a esse incondicional impossível que Derrida convida a psicanálise, para além de seu saber presente e por vir, e para além da necessária reinvenção de suas instituições, ela que “detém algum privilégio na experiência da vinda imprevisível do outro”¹⁹³.

Embora a psicanálise talvez não seja a única linguagem possível para essa tarefa, ela seria

a única aproximação possível, e *sem álíbi*, de todas as traduções virtuais entre as crueldades do *sofrer* “pelo prazer”, do *fazer sofrer* ou do *deixar sofrer* assim, do *fazer-se* sofrer ou do *deixar-se* sofrer, a si mesmo, um ao outro, uma ao outro, uns aos outros etc., segundo todas as pessoas gramaticais e todos os modos verbais implícitos – ativo, passivo, voz média, transitivo, intransitivo etc.¹⁹⁴

Foi isso o que levou Derrida a apresentar uma definição de psicanálise inédita e, sem dúvida, ainda inaudita: “[...] ‘psicanálise’ seria o nome disso que, sem álíbi teológico ou outro, voltar-se-ia para o que a crueldade psíquica teria de mais *próprio*. A psicanálise, para mim, [...] seria o outro nome do ‘sem álíbi’. A admissão de um ‘sem álíbi’. Se fosse possível”¹⁹⁵.

O álíbi ainda é evitável? A psicanálise, em todo o caso, não pode evitar Derrida.

¹⁹³ Jacques Derrida. *Estados-da-alma da psicanálise*, p. 86.

¹⁹⁴ Jacques Derrida. *Estados-da-alma da psicanálise*, p. 91.

¹⁹⁵ Jacques Derrida. *Estados-da-alma da psicanálise*, p. 9.